



# A TUA MELANINA

STEPHANIE  
VASCONCELOS

SUMA  
de letras

*À minha avó Rosina,  
ao meu pai Eduardo,  
à minha mãe Olga  
e ao meu querido Gugu,  
este livro e tudo o que faço de bom.*

## ANTES DE COMEÇAR

Muito do que está aqui escrito foi contado em primeira mão pela minha pequena família, a quem dedico este livro. Apesar disso, muito do que também aqui está escrito são realidades paralelas que não chegaram a tomar forma. Uma mistura entre relatos explicados ao telefone, histórias contadas tendo em conta diferentes perspetivas e o meu olhar sobre situações que, hoje, não consigo confirmar se existiram realmente. Apesar de a minha família ter sido uma grande fonte de inspiração para esta história, como escreveu Agualusa no romance *Teoria Geral do Esquecimento*: «O que vão ler, contudo, é ficção. Pura ficção.»

## CAPÍTULO 1

O meu pai era um homem doce. Parecia uma criança presa num corpo de adulto. A forma como ele se dedicava às nossas sessões de apanhada dentro de um apartamento de três quartos no Pai do Vento fez com que se tornasse o meu adulto preferido. A minha face ficava ainda mais redonda e o meu riso não se continha ao vê-lo correr atrás de mim enquanto eu fazia de tudo por não tropeçar nas carpetes da avó. A minha mãe olhava para nós, irritada, do fundo da janela da sala. Quanto mais alto nos ríamos, mais rápidas as suas palavras tentavam penetrar o nosso ego. Ela também gostava de ser o centro das atenções do meu pai. Por vezes, ter de o dividir comigo fazia-a ter pensamentos que a envergonhavam. Há muitas coisas que, mesmo que não nos tenham sido ditas diretamente, algum mecanismo de comunicação faz com que cheguem ao nosso entendimento. Muitas outras fui percebendo mesmo sem ouvir.

Vivíamos os quatro juntos desde que me lembro. Apenas os quatro. Nunca tivemos visitas de irmãos, nem de primos da minha idade, nem de tios que, às vezes, deviam beber menos e ficar calados nas festas de família. Eu dormia no quarto da minha avó, numa cama em gavetão que adorava. Todas as manhãs, a cama desaparecia, e todas as noites ela me dava bolachas com queijo e goiabada enquanto eu fingia que não estava a ver o episódio do *Sexo e a Cidade* com ela. Não percebia nada do que diziam e adormecia assim que acabava de comer a ceia, mas sabia estar a partilhar com ela um momento que não era para a minha idade e isso bastava.

Eu dormia com a minha avó porque o terceiro quarto era alugado a uma jovem de vinte e cinco anos, de origem indiana.

A família da Suri tinha vindo de Goa há várias gerações, mas continuavam a fazer questão de que certas tradições fossem seguidas. A Suri conheceu o Gupta num casamento arranjado e acabaram por se apaixonar de verdade.

Suri gostara desde sempre do trabalho que fazia como assistente social para a Câmara de Cascais. Acordava todos os dias às sete da manhã e ia para as Fontainhas fazer o levantamento das famílias emigrantes da zona. Olhava para cada criança como uma oportunidade de sucesso e chorava todos os dias ao voltar para casa. Nem sempre de tristeza. A maior parte das vezes era pela insegurança de não saber se conseguira garantir que eles sentiam a esperança necessária nos seus próprios futuros. Continuar a trabalhar depois do casamento não era uma opção para os Ismailis. Gupta também queria que ela fosse a rainha dos biryani e dos filhos rapazes. Suri pensou que conseguiria fazê-lo mudar de opinião se lhe mostrasse que era capaz de fazer as duas coisas: o melhor biryani da Amoreira e acordar todos os dias às sete da manhã para chegar a tempo de picar o ponto na Câmara. Nem o biryani salvou o casamento. Nem o facto de ser a filha predileta do pai a salvou do resto. Um dia, acordou e não aguentou as opiniões que só as famílias numerosas têm. São opiniões demasiado ensurdedoras para que se possa continuar a escutá-las sem que nasça em nós uma vontade de mudança. Essa vontade de mudança encontrou o anúncio no Pingo Doce de um quarto e fez com que eu descobrisse o que era um biryani.

O biryani é um prato de arroz, batata e carne — mas mais de arroz. A minha avó dizia que o que separava o biryani de uma caldeirada eram as especiarias. Assim, todos sabíamos quando é que a Suri tinha saudades de casa: quando mais nenhum cheiro se conseguia distinguir no ar. O quarto andar onde morávamos, do lado esquerdo do elevador, era invadido por especiarias que eu nunca soube identificar. A avó dizia que, se eu fungasse com atenção, conseguiria distinguir o cheiro doce da canela a lutar com

as lascas de um gengibre fresco. Nesses dias, a minha avó entrava na cozinha com o pretexto de ir beber água, espreitava para dentro da panela e sentava-se à mesa depois de perguntar a Suri como tinha sido o dia. Nesses dias, embriagadas pelo próprio olfato, partilhavam mais do que um prato ao jantar. Falavam como se tivessem crescido dentro da mesma casa, demasiado apertada para a vida que sonhavam ter, e lutado contra as mesmas palavras e fugido das mesmas opiniões. Ficavam perdidas entre garfadas de arroz, ao ponto de nem notarem o tempo que eu perdia a catar cada bago que caía na toalha de mesa com cantos em croché. Apanhava cada um mais lentamente do que o anterior, para que não notassem que também eu tomava parte naquela partilha. A cada dia, a conversa ganhava a fluidez das trocas de testemunhos entre pessoas que confiam plenamente uma na outra, em que já não existe a escolha apropriada de palavras, e estruturar uma linha de pensamento parece uma tarefa demasiado árdua para quem guarda histórias na alma a sete chaves. Entrelaçam-se momentos, mas nunca deixa de fazer sentido para o interlocutor, que absorve tudo em silêncio, como se de uma obra de arte se tratasse. Suri olhava assim para a minha avó. Uma mulher vinte anos mais velha do que ela e com uma tristeza no olhar que só Suri tinha parado para ver. Num desses dias, ouvi a razão pela qual a minha avó nunca tinha conseguido responder às minhas perguntas sobre o porquê de, enquanto crescia, nunca ter visto primos, irmãos ou tios que falam demais. A razão até tinha nome: chamava-se Francisco.

## CAPÍTULO 2

O nome Francisco foi arrancado quase num sussurro. Ao dizê-lo, a minha avó olhou por cima do ombro para a porta da cozinha, para ter a certeza de que o meu pai não a ouvira. Era como se estivesse a abrir espaço a um universo paralelo com o qual não sabia lidar. As memórias perturbavam o diálogo e tornavam a troca de testemunhos num monólogo que apenas terminava quando a história fosse narrada integralmente.

— Eu conseguia ficar horas a percorrer as feições dele com os dedos — deixava escapar a minha avó enquanto pegava nas pontas da toalha de mesa e fixava o olhar no entrelaçado de linhas que ela mesma fizera.

Francisco era um homem alto para a época. Nas redondezas de Massarelos, onde tinha crescido a avó, não se viam homens com pernas longas e ombros estreitos. Os homens eram todos baixos, com caras redondas e avermelhadas, como quem passa o dia à beira-rio, e com troncos tão largos que pareciam engolir mulheres. A minha avó nunca lhes achou muita graça. Ela e as amigas sonhavam ir viver para Lisboa e casar com homens altos que não cheirassem a patchouli. Passavam muito tempo naquilo. A imaginar as vidas que ainda tinham por viver enquanto ajeitavam as meias de vidro que teimavam em romper-se depois de um dia de trabalho na Alameda das Antas. Trabalhavam no mesmo escritório de advogados. Alguns dias eram passados em pé, a distribuir cartas pelas redondezas, outros a pressionar os botões de máquinas de escrever, tentando acompanhar as palavras quase cuspidas pelas bocas dos advogados, e ainda outros em que tinham de fingir que eram damas de companhia e entreter clientes. A minha avó detestava especialmente esses dias.

— Se ainda fossem homens bonitos, talvez conseguisse engolir! — dizia, entre risos, a imitar a forma como os homens reagiam sempre que ela entrava na sala.

Os pais da avó sempre lhe disseram para ter cuidado com a sua beleza, para que não fosse encarada como uma chamada de atenção. Ela nunca compreendeu esse comentário, pois não conseguia perceber qual a relação entre a beleza de uma mulher e o efeito que poderia provocar em quem nela reparasse. Como não entendia o comentário, também nunca lhe deu demasiada importância, até ao dia em que os biquínis de Marília apareceram na sua vida.

Ainda se lembrava de quando apareceram os primeiros biquínis no Porto. Rezava a lenda urbana que uma mulher que tinha ido de férias ao Rio de Janeiro teria voltado com uma mala cheia deles. Cada um mais pequeno e colorido do que o outro. A avó e as amigas ficaram com a ideia fixa de encontrar a vendedora de biquínis e ver de perto aquelas duas peças que causavam tanto alarido. Como todas as pessoas se conheciam no Porto, não demorou muito tempo até que conseguissem o endereço da pensão onde os poderiam comprar. Marília abriu-lhes a porta do seu quarto e foi como se, nesse dia, a antiga avó tivesse deixado de existir.

— Olhei para uma mulher de calções de ganga de cintura alta e cortados pelo meio da perna, com a parte de cima do que achei na altura ser um biquíni, pois nunca tinha visto algo do género. Nesse momento, percebi o que os meus pais diziam sobre a beleza de uma mulher. — E respirou fundo ao reviver o momento, trinta e muitos anos mais tarde. Relembrou esse encontro, talvez com a mesma vontade de ser transportada para o mundo de Marília que sentira na época. — Comprovámos que a mala de biquínis e todo um mundo, bem diferente do que conhecíamos até ali, existia realmente. Experimentámos quase todos os modelos a pedido de Marília. Ela sabia a importância do momento.

Naquele quarto estava a fazer-se história. E, com apenas duas peças de roupa, estariam a militar contra o ideal de comportamento e costumes que as mulheres deveriam ter na época. Principalmente as mulheres do Porto. Filhas e netas de homens baixos encharcados em perfumes enjoativos. Mesmo sabendo que ainda não tinha coragem de o usar, a avó escolheu um biquíni quase da cor do céu, semelhante à das hortênsias que enfeitavam a mesa do almoço de domingo na casa onde cresceu. Enfiaram os biquínis nas suas malinhas de tecido e despediram-se. Ao descer as escadas, olharam umas para as outras e, na linha ténue que separa o receio da vergonha, não conseguiram parar de rir às gargalhadas.

Na semana seguinte, foram à praia, mas nenhuma ousou vestir o biquíni. A minha avó levou-o escondido, como se mantê-lo quase secreto, embrulhado entre a toalha e o prato com maçãs descascadas, fosse um ato de coragem por si só. Até hoje não sabe se foi o chamamento do biquíni ou se realmente as alças do seu fato de banho estavam mais apertadas do que o costume, mas, nesse dia, o impulso de as baixar e deixá-las cair levemente sobre os ombros causou desconforto a todos os presentes. Tal desconforto foi especialmente sentido por uma mãe de cinco filhos que estava tapada com mais roupa do que era humanamente possível aguentar debaixo de um sol de trinta e sete graus. As gotas de suor escorriam entre o nariz e o lábio superior enquanto tentava explicar ao fiscal de praia que o local não era adequado a atentados ao pudor, e que havia famílias inteiras em choque com a presença da mulher que se tinha despido à frente de todos.

— Baixei as alças de um fato de banho que me cobria desde o início do peito até a meio da perna. Mas já viste a estupidez humana? — Suri acenou com a cabeça, como quem já vivera uma situação semelhante, em que uma pequena escolha de vestuário provoca um comentário que põe em causa a dignidade de uma mulher.

A minha avó fixou bem o seu olhar no homem, o qual, segundos mais tarde, a expulsou da praia, acompanhada de exclamações das mulheres que passariam uma vida cobertas de tecido como se a exposição das suas peles desse início a uma terceira guerra mundial. Ela olhou para ele e disse-lhe:

— Na próxima vez que eu puser os meus pés nesta praia, estarei de biquíni, e vou obrigá-lo a olhar para mim sem tecer sequer um comentário.

O fiscal levantou-se do seu assento, gesticulando com o braço e apontando o dedo indicador da mão esquerda. O gesto foi tão abrupto que ele se desequilibrou, e ao deixar cair o chapéu que lhe conferia autoridade, a minha avó apanhou-o da areia quente e correu areal fora em direção a casa, como se a sua liberdade dependesse disso. Quando sentiu que estava em segurança, parou num beco entre as ruelas da Foz e vestiu-se novamente, sentindo as lágrimas molharem a sua blusa. Chorou por ter percebido que talvez tivesse nascido na época errada, pois os pensamentos que tinha em nada correspondiam à forma como as pessoas encaravam o mundo. Ela ainda não sabia, mas este seria um peso que carregaria pela vida inteira. Existem pessoas que podem não ser reconhecidas publicamente ou ganhar prémios internacionais, mas que provocaram desconforto em algum momento das suas vidas. O desconforto tem uma conotação negativa. Mas o desconforto é sempre necessário antes de grandes mudanças. Quando algo parece alheio à nossa realidade, quer sejam palavras, ações ou mesmo pessoas, a primeira sensação corporal que conseguimos relatar é um sentimento generalizado de desconforto. A minha avó sabia bem o que era desconforto, no entanto, diferentemente das pessoas que conhecia, tinha uma vontade quase imediata de mergulhar lá dentro. Ao fazê-lo, acabava sempre por conhecer mundos alheios ao dela. Uns melhores, outros nem tanto, mas sempre diferentes, e ela acreditava que todos nós precisamos de um pouco de diferença nas nossas vidas, para não nos tornarmos

folhas de papel em branco. Folhas sem histórias para contar, sem nunca terem sido amachucadas e sem tonalidades para colorir. Essa ânsia de desconforto era uma batalha que a minha avó pensou que travaria sozinha. Naquele beco, enquanto tapava a pele que tanto repudiavam e aceitava a solidão que a esperava, a minha avó decidiu, mais uma vez, que mergulhar no desconforto seria sempre a melhor opção.

## CAPÍTULO 3

Aquela quarta-feira parecia tão comum quanto as outras. Vestiu-se à pressa porque se deixou dormir mais do que devia. A mãe da minha avó nunca aceitou o facto de ela trabalhar num escritório de advogados em vez de ajudar na gestão da pequena livraria da família. Por isso, também não fez questão de acordar quando saiu para trabalhar. Sempre achou a filha demasiado ambiciosa para o seu gosto. O que lhe era proposto não era bom o suficiente, tinha resposta para tudo na ponta da língua e passava grande parte do seu tempo livre a ler. Por serem tão parecidas, as suas personalidades acabavam por desentender-se. A minha avó achava que a mãe vivia abaixo do potencial que tinha, e a minha bisavó achava que sonhos eram bons, mas apenas se os pés se mantivessem na terra. No entanto, ambas queriam descobrir os mundos que conheciam unicamente no papel, entre linhas e associações de palavras.

— Vesti-me a correr, entrei no escritório de rompante, era dia de entregar cartas.

A tarefa nunca fora das suas preferidas, mas disse-o com um sorriso nos lábios, o que me fez pensar que algo bom dali viria. Sorri, expectante, enquanto levava à boca mais uma garfada do biryani da Suri, que entretanto já estava frio. Suri pensou o mesmo e perguntou o porquê do sorriso.

Entre subir e descer escadas ou andar de saltos apertados na calçada portuguesa, a minha avó não preferia nenhuma das opções. Por isso, escondia sempre um parzinho de ténis na gaveta, sem que a sua chefe visse. Ai dela que percebesse que as meninas do Escritório de Advogados Luz & Silva eram humanas e ficavam com bolhas nos pés.

Naquela altura, todas as peças de vestuário tinham de seguir as normas de indumentária definidas pelo Estado Novo. Tudo muito cinzento e aborrecido, pareciam militares, toda a gente de roupas iguais, feitas nas mesmas modistas e nos mesmos alfaiates. Sapatilhas também não faziam parte do que as mulheres da época deveriam usar, mas a minha avó adorava sapatos rasos. Tinha uns *Keds* brancos que tinha visto nos pés de Marylin Monroe, numa revista emprestada, e que passaram a ser os seus companheiros de entrega de cartas sem que a Dona Engrácia soubesse. Comprara os ténis na Porfírios. A loja em Santa Catarina que enchia os olhos dos jovens do Porto. Quem olhasse lá para dentro pensaria que era mais uma loja de meias, mas ao entrar, a luz negra mostrava o caminho para peças de roupa que a minha avó nunca tinha visto em Portugal. Tinha minissaias, collants coloridos, calças à boca de sino, blusões e camisas estampadas e muitos anéis, colares, cintos e lenços de cetim para todos os gostos.

O ritual de entrega de cartas começava, mal a minha avó chegava ao escritório. Só tinha tempo de abrir a gaveta e atirar os ténis enrolados num pano branco de cozinha para o saco onde levaria as cartas. Quando começou a trabalhar, perguntou por que raio tinha de ser ela a distribuir cartas, quando podiam usar os Correios ou qualquer moço de recados. Responderam-lhe que os homens da cidade do Porto preferiam receber cartas de uma mulher e que talvez isso ajudasse a melhorar o negócio.

— A melhor forma de fazer com que os homens gastem dinheiro continua a ser a garantia de manterem uma mulher bonita a seu lado — disseram-lhe o advogado mais velho da empresa, que passava no corredor com a sua garrafa de *Laranjina C*. Depois de algum tempo, a minha avó habituou-se e até passou a ansiar pela chegada do dia das cartas. Apesar de terminar o dia cansada e de ter de enfiar os pés num alguidar de água quente com sal, era a única oportunidade que tinha de passear pela cidade durante os dias de semana.

## CAPÍTULO 4

A sua primeira carta deveria ser entregue no Estádio das Antas, e, ao chegar lá, a avó deparou-se com a equipa de futebol a sair pela mesma porta por onde deveria entrar. O seu pai adorava ouvir os relatos pela rádio, alto e a bom som para sua irritação, e ela perguntou-se se ele saberia distinguir os jogadores se os visse tal como ela os via naquela manhã. A minha avó nunca tinha visto jogadores de futebol ao vivo.

Eram quase todos iguais. Tinham quase todos a mesma altura. Quase todos com o cabelo cor de carvão, liso e penteado para trás com o que ela achou ser demasiada brilhantina. Alguns ainda estavam de fato de treino, outros com camisas desabotoadas, e gozavam uns com os outros, fazendo piadas tão más que nem o mais adepto dos adeptos se riria. Ficou um pouco desiludida com tanta banalidade. Apressou o passo para garantir que a porta não se fechava, e quase não reparou que um dos jogadores a segurara para ela entrar, mesmo sem ela ter pedido. Ficou sem jeito. Quando se preparava para agradecer pela amabilidade, viu que estavam dois olhos à espera de encontrar os seus. Quando finalmente os dois pares de olhos se encontraram, a minha avó ficou de boca aberta e demorou muitos segundos a fechá-la. O seu espanto não se deveu a algum tipo de constrangimento. Já sentira interesse vindo do sexo masculino noutras ocasiões e nunca apreciara a forma como as mulheres romantizavam todas as interações entre géneros, como se cada troca de palavras se tratasse de um romance de verão. Aquele olhar seria para sempre diferente porque a minha avó nunca tinha visto ninguém como o Francisco. Em vez de lhe agradecer por ter reparado que ela

precisava de ajuda, a minha avó pediu desculpa e entrou a correr porta adentro.

— Até hoje não sei por que motivo pedi desculpa — confidenciou a Suri, que exclamou estar curiosa por ver alguma fotografia de Francisco.

A minha avó hesitou, pois não tinha a certeza de estar disposta a colocar caras, feições e pessoas reais nas histórias que lhe contava. Mas existem histórias que só fazem sentido se forem vistas. Foi então que a avó trouxe uma caixa de madeira trabalhada em cornucópias e forrada com um tecido lilás que ela mesma agrafara para que a humidade não saísse triunfante na luta do tempo contra o papel. Ao abri-la, deixou que uma jovem mulher indiana de vinte e poucos anos e uma criança curiosa de onze fizessem morada na sua história de amor. Juntamente com todas as memórias, fotografias e cartas que tinham sido guardadas e apertadas com um fio de sisal que quase as cortava ao meio, como se não quisesse jamais deixar a história de Margarida e Francisco fugir.

## CAPÍTULO 5

Margarida entregou a primeira carta do dia naquela manhã nublada de fevereiro. Seria a primeira e única carta que entregaria nessa quarta-feira. Acabaria por arranjar uma desculpa plausível para não ter conseguido entregar as dezanove restantes.

Tinha algo que ver com um acidente numa das avenidas principais da cidade, motivo pelo qual muitas rececionistas não tinham conseguido chegar aos seus postos de trabalho no período da manhã. Mas como é que não se tinha ouvido qualquer relato sobre isso no Rádio Clube Português?

Margarida encolheu os ombros e suplicou para que não fizessem mais perguntas, pois tinha um dia atarefado pela frente e o dobro das cartas por entregar se não se despachasse.

A verdade é que Francisco estava à espera dela do lado de fora da porta que dava acesso ao recinto administrativo do Estádio, mas isso ela ainda não sabia. Vestia umas calças de tecido cru prensadas apenas com uma dobra, com a cintura alta apertada por um cinto de couro castanho que fazia conjunto com os sapatos *Oxford* bicolores comprados com o seu primeiro salário de jogador, os quais fazia questão de limpar e engraxar todos os dias. Um hábito partilhado com o seu pai, que todos os dias cumpria o mesmo ritual. A dignidade de um homem pode ser medida pela forma como cuida dos seus sapatos e pela eloquência das suas palavras, transmitira-lhe no dia em que Francisco se despediria da família rumo ao Porto. Disseram-lhe para aproveitar a oportunidade, que oportunidades daquelas só apareciam uma vez na vida. Nem ele sabia como conseguira. Jogava nos campeonatos de futebol de bairro durante o fim de semana para se distrair e porque sempre

lhe haviam dito que tinha a rapidez necessária para ser avançado. Gostava de sentir que era bom em alguma coisa, mesmo que não gostasse assim tanto de desporto. Num desses jogos utilizados para apregoar o luso-tropicalismo que poderia salvar todo um regime, os olhos estavam postos em Francisco. Não por ser o jogador mais talentoso, mas talvez por ser dos poucos que conhecia e respeitava as regras do jogo. A capacidade de assimilação era necessária até no desporto, caso contrário, não poderiam moldar nativos à sua vontade, pois a semelhança seria quase impossível. Esta última frase, Francisco ouviu-a ser dita no espaço que delimitava o campo, enquanto refrescava a sua garganta depois de quase quarenta e sete minutos a correr. Ouvia frases daquele género desde que nascera. Umhas ditas com mais desdém do que outras, mas sempre com o intuito de rebaixar a única existência que conhecia. Por isso, Francisco sabia que oportunidades como as que o seu pai relatava existiam, mas certamente não na vida de pessoas que conhecia. Ninguém fora convidado para jogar futebol profissionalmente, sobretudo para jogar junto a jogadores de outra raça, num país diferente e de salário mensal pago na íntegra. E, apenas por essa razão, Francisco aceitou. Aceitou porque o pai puxou o brilho aos seus sapatos como nunca fizera, na noite que antecedeu a partida de Francisco para a metrópole.

— Viaja por todos, meu filho. Por mim, pela tua mãe, pelo vizinho Quimbé e por todos aqueles que olham para o céu e desejam saber como seria entrar num avião. E escreve-me todas as semanas, para que eu consiga conhecer pelos teus olhos.

E foi assim que Francisco viajou e aceitou ser jogador do Futebol Clube do Porto, honrando esse compromisso como se estivesse a viver um sonho. Claro que, ao chegar a Portugal, a verdade seria outra. Apenas sentiu o cheiro do primeiro salário, mas tinha comida, roupa lavada e livros de graça na biblioteca do dormitório. Na verdade, ainda não tinha outro sonho para chamar de seu, e viver aquele estava de bom tamanho.

## CAPÍTULO 6

Margarida demorou algum tempo a reparar que Francisco continuava ali. Ao deixar a porta bater, virou-se contra a parede para ajeitar as alças do soutien, que sentira estar demasiado apertado para um dia de correrias, e garantiu que nenhum dos botões da blusa de colarinhos arredondados tivera a audácia de sair do lugar, como muitas vezes acontecia. Tentando equilibrar-se enquanto puxava a saia cor de musgo até ao joelho e fazia de tudo para não deixar a sacola das cartas fugir do seu ombro, passou um grupo de mulheres a tecer comentários entre dentes e a apontar, com cara de espanto, para algo que fugia do seu campo de visão. Ainda ponderou não seguir o burburinho de mulheres tão aborrecidas quanto as suas saias cinzentas e blusas brancas, mas acabou por não resistir e virou-se na direção dos seus dedos esguios. Ali estava Francisco, sorridente, como se não conseguisse ouvir os comentários que agora Margarida percebera que eram dirigidos a ele.

— Mas vocês não têm mais nada para fazer do que chatear a vida das pessoas? — As palavras saíram-lhe disparadas como flechas, e a adrenalina que sentiu com o comentário fez com que ficasse carmim e com os olhos cor de mar arregalados, como se quisessem saltar das órbitas.

As duas fala-barato resmungaram entre si e desapareceram de cena mais depressa do que entraram. Margarida agradeceu mentalmente por não serem do género de ripostar. Tinha a certeza de que, mal a adrenalina se desvanecesse, iria arrepende-se de discutir na rua, como de todas as outras vezes em que isso acontecera, mesmo sabendo que tinha razão. O confronto ainda

não era um mecanismo a que o seu corpo, e principalmente a sua mente, estivessem habituados.

Pedi desculpa a Francisco pela segunda vez no mesmo dia e virou-lhe as costas para garantir que os pés a acompanhavam dali para fora.

*Mas vocês não têm mais nada para fazer do que chatear a vida das pessoas?*

Que raio de frase mais medíocre. Tinha tantas frases preparadas para momentos como aquele, como nos filmes, quando basta aos personagens dizerem uma simples frase e todos os outros ficam sem fôlego por um ou dois segundos. Mas não foi o caso. Margarida dissera uma frase tão banal, quase infantil, e ninguém ficou sem fôlego.

— É a segunda vez no mesmo dia que me pede desculpa — ouviu alguém dizer enquanto tentava perceber quem lhe estava a tocar no braço.

Não era costume ser tocada e não tinha o reflexo de se afastar. Aquele toque provocara o efeito inverso. Era como se desejasse ser tocada por Francisco desde a primeira vez em que o vira. Baixou a guarda que normalmente mostrava aos rapazes da idade dele. Rapazes esses que falavam demais, tocavam demais e prometiam demais. Havia qualquer coisa em Francisco que fazia com que Margarida quisesse ser tocada, e esse pensamento fazia com que se sentisse novamente culpada.

— Desculpe — retorquiu Margarida, e logo se arrependeu. Ao dizer a mesma palavra pela terceira vez, não conseguiu evitar uma gargalhada, que Francisco acompanhou. Riram-se durante alguns segundos e, quando finalmente libertaram o nervoso miudinho que pairava no ar, respiraram fundo e sorriram um para o outro.

— Penso que merecemos uma conversa com mais vocabulário. Posso convidá-la para um passeio até à melhor árvore da cidade? — perguntou Francisco, confiante na resposta positiva de Margarida.

Que rapaz estranho, pensou ela. Gostava de jardins, mas ela sempre preferira o mar. Queria ter respondido que não, que gostaria de lhe mostrar a praia com o maior número de búzios do Porto, mas ficou tão intrigada que abanou a cabeça. Por alguma razão, teve a sensação de que teria a oportunidade de mostrar-lhe todos os seus lugares preferidos sem exceção e que muitos deles passariam a ser os lugares preferidos dele também.

## CAPÍTULO 7

A caminhada até à melhor árvore da cidade demorou quase uma hora. Atravessaram a cidade a pé, enquanto o céu enublado da manhã dava lugar a um dia soalheiro que já pedia alguma sombra. Francisco fazia muitas perguntas. Como se quisesse absorver o máximo de informação possível num curto espaço de tempo. Uma curiosidade quase ingénua perante os detalhes mais irrelevantes que Margarida lhe poderia contar, desde os nomes das suas colegas de escritório, o que fazia nos tempos livres passando, sem darem conta, até às questões mais difíceis de responder. Por cada resposta que recebia, já tinha quatro outras perguntas por fazer. A caminhada deixou Margarida ansiosa por ter partilhado tanta informação. Sentiu-se despida aos olhos de Francisco. Receou que o assunto não fosse suficiente para o manter interessado, mas a cada esquina que viravam, mais ele se cativava pelas respostas. Francisco descobriu as cartas que ficaram por entregar, soube das alças que foram baixadas em público, riu da compra do biquíni na pensão, e soube que, entre defender desconhecidos na rua pelas razões mais insólitas e comer sopa de batata todas as noites ao jantar, Margarida acabaria por escolher a primeira opção, mesmo que isso já a tivesse feito perder de tudo um pouco. A atenção dos pais, a lealdade de supostas amigas e o interesse de potenciais maridos, como a sua mãe gostava de dizer.

— Entre essas três perdas, qual foi a que te custou mais?

E era este o tipo de perguntas que faziam que Margarida sentisse que partilhava mais do que devia. Deveria ser tímida e não falar muito. Pelo menos, era isso que as suas amigas diziam sempre que eram abordadas por rapazes nos bailes do clube

ferroviário. Os rapazes não gostavam de mulheres que falavam muito, principalmente das que riam alto. E por isso passavam a noite caladas, sempre que riam tapavam a boca e não expressavam nem sequer meia opinião sobre tema algum. Sempre achara o recato exigido às mulheres uma farsa, e percebeu que a razão pela qual as suas amigas mantinham essa fachada era para garantirem a atenção de um homem. Para Margarida, esse homem não merecia o esforço que elas faziam em tão elaborada mentira. Sentia pena delas e também de si mesma, porque se existem homens que gostam de mulheres que não existem e se contentam com as suas versões inventadas, de poucas palavras e risos quase inexistentes, Margarida tinha a certeza de que a hipótese de provocar interesse num potencial marido estava entre nula e o impossível.

— Acho que custaram todas, e continuam a custar-me — respondeu, sem tirar os olhos do chão.

Sentia-se incompreendida pelas pessoas à sua volta. Eram pessoas de quem ela gostava e que sabia que gostavam dela. Isso não invalidava a forma como olhavam para ela. Reconhecia esses olhares. Já os sentia há muito tempo, mesmo que apenas tivesse começado a reparar neles anos mais tarde. Sentia-se diferente desde pequena. As primeiras pessoas a confirmá-lo tinham sido os seus pais, ao compararem-na com a sua irmã Violeta. Violeta era a filha que todos os pais gostariam de ter, ouviu Margarida, um dia, ao passar pelo quarto dos pais sem que eles se apercebessem. É incrível como o que é dito em confidência parece mais verdade do que os comentários ditos abertamente. Margarida nunca ouvira os pais confidenciarem coisas positivas sobre si. Talvez soubessem que ganhara o hábito de escutar atrás das portas. A primeira vez que ouvira o seu nome fora por ter dito ao avô que também queria jogar ao berlinde, como os rapazes da sua rua. O avô adorou a ideia e comprou-lhe um saco com três berlindes coloridos. O pai não gostou. Ele já achava que a mãe de Margarida era moderna demais, e culpava o avô pelos seus travos

de leviandade. A última coisa que queria era que a sua filha mais nova fosse pelo mesmo caminho. Mesmo quando lutava contra a singularidade da filha, o seu pai sentia a mesma coisa que Margarida: a certeza de que ela era diferente. Essa certeza tornou-se mais difícil de esconder. Era como se todos à sua volta tivessem lido um livro que ela simplesmente não conseguia acabar. Foram várias as vezes em que tentou abrir esse livro e sentar-se quieta a lê-lo, mas era tão aborrecido. Como é que alguém podia ler um livro tão aborrecido? Ou pior, porque é que as pessoas ficavam aborrecidas e, mesmo assim, o continuavam a ler?

— Realmente, és uma mulher peculiar. Metáforas com livros? — disse ele em tom de gracejo, e Margarida olhou-o finalmente nos olhos, que tinham o dobro do tamanho dos seus, delineados pelas pestanas mais compridas que alguma vez vira...

Ia começar a explicar a metáfora, mas Francisco falou antes que ela acabasse de estruturar o pensamento e, sem parar de andar, ao abrir o fecho da mala em que guardava o seu equipamento de treino sujo e húmido, num saco de pano onde se lia «Liceu Salvador Correia», Margarida pôde ver os cantos de um livro.

— Este também é um livro que estou sem vontade nenhuma de acabar — declarou Francisco enquanto destapava um pouco de tecido para que ela conseguisse ler o título. *Cazumbi: Poesia de Angola*, de Tomás Vieira da Cruz.

## CAPÍTULO 8

Tanto passeio na calçada estava a deixar Margarida cansada. Respirou de alívio quando entraram no parque, e reparou que a árvore de que Francisco tanto falava tinha sombra e um banco de madeira por baixo. Perguntou-lhe com o olhar se era aquela a árvore, e ele assentiu, correndo em direção ao banco. Margarida tivera a mesma vontade de correr, mas preferiu não chamar ainda mais a atenção das pessoas. Caminhou lentamente para juntar-se a Francisco, sem fazer muitas ondas como deveria ser. A meio decidiu que eram as ondas que ela sentia falta. Sabia que nunca iria conseguir evitar os vários pares de olhos postos neles os dois, por isso correu também e sentou-se, ofegante.

— O que significa «cazumbi»? — perguntou-lhe enquanto descalçava os ténis.

Francisco levou algum tempo a superar o espanto inicial. Teve a sensação momentânea de que aquela mulher falava kimbundu, mas lembrou-se de que ela apenas repetira a palavra que tinha lido na capa do seu livro. Era raro encontrar pessoas como Margarida que falassem kimbundu. Principalmente na cidade, mas não era impossível. Tinha sido assim que o seu pai fora despedido: ao responder a uma pergunta semelhante, alguns anos antes, e por ensinar kimbundu a um português, com quem trabalhava, em segredo. O pai de Francisco sempre fora bom com letras e aprendia rápido. Bastava-lhe ler uma coisa uma vez e logo a fixava na sua cabeça. Fora obrigado a ler livros em criança, livros que teria de reler anos mais tarde, pois não os compreendera na altura. O pai Rui tinha de ser o mais inteligente da turma, o que sabia mais coisas e o que conhecia mais palavras, para que

reparassem nele e lhe dessem uma oportunidade. Os seus pais diziam que ele tinha de ensinar português aos brancos e não viam nisso algo de arrogante. Tinham identificado uma oportunidade de melhoria de vida pela educação. Porque nascer com a tez de Rui não costumava ser bom sinal. Nem mesmo em África. Rui cresceu e repararam nele. Era o assimilado que engolira um tuga. Acabou por ensinar português aos brancos, pois muitos deles eram iletrados, ainda que ganhassem mais do que ele. Mesmo assim, Rui sentia prazer em fazê-lo. Tinha paciência para filtrar os comentários daquele grupo de seis portugueses que tinham de aprender a usar a máquina de escrever para garantirem emprego na Fazenda.

Sempre que um novo grupo chegava, a cara de espanto era a mesma, e Rui sentia um prazer secreto com a posição de poder que possuía durante as horas em que ensinava. Quanto mais Rui explicava, mais espantados ficavam os seus alunos. Coisa que ele poderia perceber na teoria, mas que na prática nunca fizera sentido. Crescera num país colonizado. Os portugueses ficaram não só com a terra, mas com tudo o que o povo poderia chamar de seu. Ficaram com as roupas, com a língua, com os costumes, com a religião e até com as mulheres. Ficaram e preferiram não o chamar de seu. Aqueles que fossem apanhados a querer manter algum dos sinais que os ajudavam a reconectar com uma identidade cultural que não a portuguesa, eram apelidados de «indígenas». Os seus pais não aceitavam passar esse legado ao pequeno Rui e aos seus três irmãos, por isso decidiram entregar o resto de Angola que tinham dentro deles e pediram tudo o que os portugueses traziam emprestado. Usaram as suas roupas, falaram a sua língua, praticaram os seus costumes, professaram a mesma religião e avisaram Rui para nunca chegar perto de uma mulher clara. Não pela diferença de melanina, mas pela diferença de tratamento. Já teria muitas batalhas a travar no dia a dia. O amor não deveria ser mais uma. Ele cresceu assimilado.

Assimilou o luso-tropicalismo dos portugueses em Angola. A única coisa que manteve foi a cor da pele, da sua e da sua mulher, e o kimbundu de que os pais falavam em casa. Tudo o resto tinha sido emprestado, mas há coisas que não se explicam a crianças e que adultos crescem sem compreender.

Adultos como os seus alunos, que por vezes não conseguiam distinguir a fonética de um acento circunflexo e de um til. Alguns respeitavam Rui, outros nem tanto, e, mesmo assim, ele era cordial com todos. Além disso, os seus pais tinham-lhe inculcado a prática do bem. Mesmo quando, em pequeno, gritavam com Rui e lhe roubavam a fruta da mão, mesmo quando falava com um sotaque que muitos identificavam como não tendo o direito de chamar de seu, ou mesmo quando se debruçou para ajudar o aluno a encontrar a cedilha do C na máquina de escrever e este disse para ele se afastar porque não queria ir para casa a cheirar a preto. Engoliu em seco, inchou o peito, ergueu a cabeça e com a muita dignidade que lhe restava ia continuar com a sua aula quando ouviu alguém a entrar na sala de rompanete.

— Que falta de respeito vem a ser esta, Alberto? — disse um dos chefes de secção da Fazenda, que tinha a alcunha de «Índio» por não mostrar interesse algum em tratar de forma diferente os colonos, os assimilados e os indígenas que teciam o manto urbano de Luanda da altura.

Corria a história nos corredores, por bocas que usavam o português para falar da vida dos colegas de trabalho, de que teria um casal de filhos com uma mulher negra de pernas longas e cabelo crespo reluzente que vivia com ele num dos apartamentos ao lado do cinema Avis. Rui sentiu-se envergonhado. Sabia que a intenção era boa, mas tê-lo defendido à frente de todos acabaria por dar ainda mais voz a insultos futuros. Uma coisa era Rui ter a coragem de responder aos insultos e dar origem a uma discussão entre assimilados e colonos, outra era os colonos defenderem assimilados dos maus-tratos de outros colonos. A corda

rebenta sempre para um lado, normalmente era para o lado dos mais escuros. Os insultos pioraram, mas a amizade de Rui com Índio cresceu. Conheceram a casa um do outro, conheceram as famílias, e os seus filhos, que eram da mesma idade, cresceram e brincaram juntos. Quando foi despedido por ensinar a língua dos indígenas a um colono, Rui não ficou desolado. A melhor coisa que lhe poderia ter acontecido, a seguir ao nascimento do seu único filho, Francisco, foi ter conhecido o Índio.

— Então vou ter de adivinhar o que «cazumbi» quer dizer? Imagino que deva ser o nome de algum inseto. E dos grandes, tipo melgas gigantes — disse Margarida enquanto massajava os pés, os quais agora tinham bolhas que ela se esforçava por não rebentar.

Francisco pensou antes de responder. Iria alguém ouvir caso ele respondesse? Poderia ter o mesmo destino que o seu pai e perder a oportunidade de viver na metrópole e jogar futebol? Tanto quanto sabia, a sede da PIDE era ali, no Porto, mas Margarida não tinha cara de ser alguém de lá. Como se um polícia que tortura até à morte pudesse ter a cara da Margarida. Ela tinha a cara arredondada e lábios tão finos que quase desapareciam na sua boca. Ganhara o hábito de apertar as bochechas e ficavam quase tão carmim como os seus lábios. Francisco sentia sempre uma ponta de tristeza quando olhava para os seus olhos. Eram da cor do mar e sedentos da liberdade que pareciam não ter. Percebeu-o ao vê-la andar sozinha na rua, responder a insultos em nome de estranhos, usar ténis e tirá-los em público, mas, principalmente, ao ter aceitado o passeio com ele. Margarida tinha vontade de mais, mas não sabia do quê. Francisco também, e ao preparar-se para responder sobre a origem da palavra «cazumbi», percebeu que o receio de alguém descobrir que ele ainda falava línguas indígenas era menor do que o receio de deixar Margarida sem resposta.

— «Cazumbi» é o diminutivo de «zumbi», em kimbundu. Como se fosse um fantasma, uma alma penada — sussurrou

Francisco, provocando um arrepio na nuca de Margarida. — Sabes quando usamos o «inho» ou «inha» em português? Em kimbundu, o prefixo «ca» é usado como diminutivo, ou seja, cazumbi é um pequeno zumbi ou filho de um zumbi. Um pequeno fantasma que, assim como o pai, ou os adultos zumbi, persegue e amedronta e pode matar as pessoas — esforçou-se para não se rir da cara que Margarida fazia, os olhos incrédulos enquanto parava de massajar os pés.

— Eu detesto almas penadas. A minha avó sempre disse que ouvia espíritos, mas que tinha pedido para nunca os ver, quando era pequena. Tornou-se beata por causa disso. Vive amedrontada e desmaia sempre que entra num funeral — confessou Margarida, mas arrependeu-se. Aquelas conversas nunca agradavam a ninguém. O estado mental da avó fora posto em causa devido a conversas semelhantes. Francisco pareceu adivinhar-lhe os pensamentos e tranquilizou-a.

— Olha para mim. — Pegou-lhe levemente no queixo para que os seus olhos se encontrassem. — Nada do que tu digas vai soar errado ou estranho. Tudo o que disseres será a tua verdade, mesmo que estejas a mentir, e eu vou sempre querer ouvi-la. Não sei conversar de outra forma. Se deixares de contar a tua verdade, vais impedir-me que te conheça e aí vou sentir-me o próprio zumbi porque estou a perceber que estás a ficar com medo de mim.

Margarida acedeu ao comando da mão de Francisco e encontrou os seus olhos. Ele piscou-lhe o olho e perguntou-lhe se achava que ele era um zumbi, enquanto levava um pouco de água à boca.

— És um *zumbizinho* — disse, passados alguns segundos, com uma cara muito séria.

Francisco não conseguiu conter o riso e cuspiu a água que estava a beber para a blusa de Margarida. Ela deu um pequeno grito e caiu para o lado, para proteger a cara de novos esguichos de água, porque Francisco não conseguia parar de rir.

Margarida nasceu e cresceu no Estado Novo, mas tinha uma personalidade que não estava de acordo com os valores de então. Ela era livre, curiosa e não gostava que lhe dissessem o que podia ou não fazer. E foi assim que se apaixonou por Francisco, um angolano alto e elegante que foi parar ao Porto para jogar futebol nas Antas. E como eram ambos jovens, bonitos e não se enquadravam bem no lugar que a sociedade recortou para eles, envolveram-se com toda a paixão que os corpos jovens possuem. E dessa paixão nasceu um bebé: metade português, metade angolano. Pele demasiado escura para Portugal e demasiado clara para Angola. Gabriel cresce solitário e sempre obediente e de cabeça baixa, ensinado por uma mãe que tem medo do racismo e da discriminação contra o filho. Esta é uma saga familiar, parte autobiográfica, parte ficção, sobre o amor que não cura tudo, sobre identidade e busca pela felicidade.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897875762



9 789897 875762 >